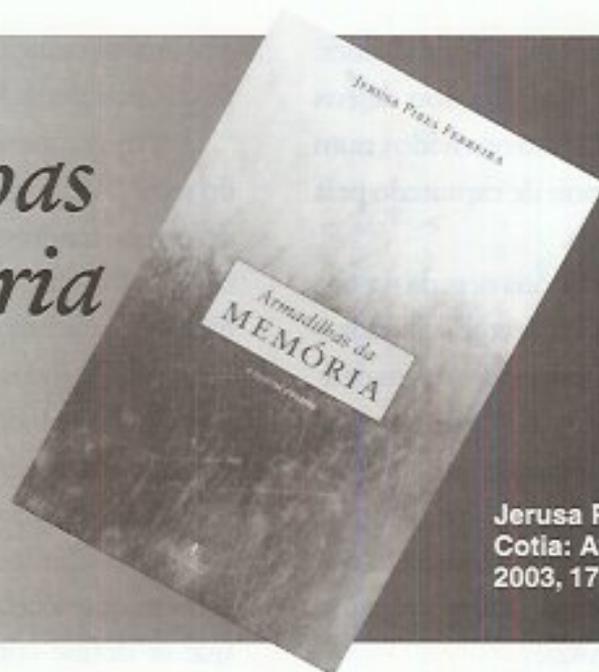


Armadilhas da Memória



Jerusa Pires Ferreira.
Cotia: Ateliê Editorial
2003, 176 p.

MARIA ELENA BERNARDES

Mestre e doutora em História pelo IFCH-Unicamp

Foi com muita erudição que Jerusa P. Ferreira percorreu e cruzou diversificadas fontes para oferecer ao leitor quase duzentas páginas no seu *Armadilhas da Memória*, nas quais, como ela mesma anuncia, o tema memória é apresentado em seus desafios, construção e impasses, seja na cultura, na literatura e na arte.

O resultado é um instigante e prazeroso livro. A autora recorreu ao trabalho do pintor italiano Zoran Music; aos textos dos poetas Ossip Mandelstam, da Rússia; do sertanejo, Antônio Brasileiro; do escritor albanês, Ismail Kadaré; e do semiótico e historiador da arte, Iuri Lotman, também russo; além dos três contos de sua autoria, publicados num livro com o mesmo título, editado, em 1991, pela Casa de Palavras, da Fundação Casa de Jorge Amado.

O livro está dividido em duas partes. Na primeira, Ferreira lançou mão dos livros *Caronte* de Antônio Brasileiro; os de Mandelstam, *Rumor do Tempo* e *Viagem à Armênia* e o de Kadaré, *As Frias Flores de Abril*. Lançou mão ainda de uma coletânea de trabalhos de Lotman, *Universe of the Mind*; e do Catálogo *Zoran Music*, número especial de *Connaissance des Arts*, Paris, 1995.

Nesta parte, a memória e – sua contrapartida – o esquecimento são abordados e reativados. Os mistérios da lembrança em suas múltiplas dimensões – relembrar, visitar, recordar – revivificam e ao mesmo tempo acionam o seu oposto – esquecer, deslembrar. Destes territórios vividos, rememorados, reconstruídos a autora chama a atenção para os momentos e objetos *detonadores de memórias*.

Traz também um outro conceito “armaze-

namento da memória” e a partir do qual Zuric transportou para as telas o que guardou de sua infância e dos momentos de horror vividos num campo de concentração depois de capturado pela Gestapo, durante a 2ª Guerra.

Ferreira diferencia a memória negada – a que expulsa o indesejável – da memória selecionada – a que causa desconforto e é dolorosa – assim definida nas palavras do poeta Óssip: “para mim sobra o hiato, e entre mim e o século há uma depressão.” É o poeta como intérprete, não apenas de seu tempo mas dos múltiplos tempos, da tradição que recebe, das transformações que se impõem e dos confrontos que o cercam (p.42).

Ao analisar o texto de Lotman, Ferreira começa retomando a frase do autor “Cultura é memória” e deixa clara a distinção entre “fato memorável” e a valorização hierárquica daquilo que é registrado na memória. Aqui o esquecimento não é par dialético da lembrança, e sim aquele que não é cultura, que é desordem e fragmentação.

Na segunda parte, a autora recorre aos contos de sua autoria “O esquecimento, pivô narrativo”; o “Reino do vai não torna: o mundo Arturiano, sobrenatural céltico e o sertão” e “Um gosto de disputa. Um combate imaginário”. O eixo é a “memória narrativa e seus trâmites, levando em conta o grande continuum da transmissão oral.” (pp.12-13) Em “O esquecimento, pivô narrativo”, a autora lembra que poesia popular, memória e esquecimento andam juntos e que cada contador ou recriador de histórias enriquece ou mutila – e lança um alerta para não esquecer da interferência de quem transcreve ou edita –, inventa ou prepara as armadilhas da poética e da memória. Para Ferreira, o ouvinte é muito mais

que uma presença, pois é o co-responsável, o elo na construção da linguagem.

Ao recuperar e explorar as várias versões do tema “Vai não torna”, a autora nos remete ao doloroso fenômeno das migrações, entendido como uma interpretação alegórica do que significa o enfrentamento de todos os perigos, de inimigos visíveis, de tantos fantasmas deste mundo a combater, da morte – que não são alegorias – mas sim o dia-a-dia trágico, vivenciado e presenciado na cidade e no campo.

Por último, a autora analisa um tipo de folheto que recebe o nome de *Peleja* ou *Desafio*, que se define como uma disputa poética entre cantadores/poetas que se veicula pela literatura conhecida como de cordel. Nele, as falas não se contrapõem dialogicamente mas, ao contrário, servem para reforçar o universo monológico, criando o que Ferreira chama de fala para si mesmo, apesar da aparente disputa. Não importando se a disputa é oral ou por escrito, ela sugere a rapidez e a prontidão da resposta. Assim, o lembrar é imediato a partir de outras repostas e a criação se dá a partir da lembrança de um repertório comum.

Nesta perspectiva, o livro traz uma reflexão sobre o tempo vivido, seu espaço social, sua proposta de harmonização e é neste universo de criação coletiva e pessoal que a tradição se perpetua, renova-se sempre e garante a preservação da memória.

Ler *Armadilhas da Memória* suscita o desassossego de querer saber mais sobre as fontes percorridas pela autora. É leitura obrigatória para os pesquisadores que têm a tradição oral e a memória como ferramentas para seus trabalhos.